

# **D**iscursivização da categoria tempo e construção identitária em Yayá Massemba

*Alfeu Garcia Júnior<sup>1</sup>*  
*Alexandre Magno Devecchi Leal<sup>2</sup>*



Foto: Márcio Cassol

## **Resumo**

A instauração de sentidos num texto constrói-se no discurso através do uso da língua por um sujeito, na instância de uma relação intersubjetiva e, portanto, dialógica, conforme defende Émile Benveniste. O presente trabalho, lançando mão de diferentes recursos de análise, tenta fazer dialogar elementos da Teoria do Discurso e da Semiótica Francesa, a fim de descrever de que modo a construção identitária do homem afro-diaspórico é realizada através do discurso poético em Yayá Massemba, de Roberto Mendes e Capinam, com base na premissa de que a categoria tempo se constitui como um traço distintivo na formação de um ethos brasileiro de matriz africana.

**Palavras-chave:** Discursivização. Identidade. Produção Discursiva.

<sup>1</sup> Doutor em Sociolinguística – professor do Instituto Federal Fluminense – Campus Quissamã – RJ.

<sup>2</sup> Licenciado em História pela UNESA – Rio de Janeiro

## Introdução

Assim como o discurso constitui o suporte material da ideologia, é na linguagem e através dela que esse mesmo discurso se materializa e se faz veicular, a partir de uma relação contratual estabelecida pelos participantes do processo comunicativo no qual os sentidos são negociados e construídos.

Dessarte, é a partir da enunciação que se instauram no texto as categorias de pessoa, de lugar, e de tempo, cujo elemento nuclear é um sujeito “eu”, operador de uma produção discursiva, cujo espaço é um “aqui” e cujo tempo é um “agora”, em relação aos quais se ordenam os demais espaços e tempos do discurso, atualizados e textualizados, quer por lexemas, quer por unidades de função mostrativa (dêiticos), ou ainda por unidades de função remissiva (anafóricos ou catafóricos).

Fiorin (2004) salienta que o “agora” é o tempo do “eu”, de modo que todo o sistema temporal linguístico é organizado a partir dele. É imperioso ressaltar que a compreensão do tempo linguístico não se confunde com os conceitos de tempo cronológico ou de tempo físico, conforme defende Benveniste (2006), uma vez que aquele se instaura no enunciado, num momento em que o sujeito “eu”, atualiza um “agora”, na instância da enunciação.

Assim compreendida a categoria tempo, Fiorin refina sua descrição, assinalando que o momento enunciativo (agora) coordena as subcategorias de concomitância (presente), em oposição às de não-concomitância, discursivizadas como passado e futuro, constituídas como momentos de referência, aos quais, por sua vez, também compreendem os momentos do acontecimento, textualizadores de contemporaneidade, retrospectividade ou prospectividade, relativamente àqueloutros (momentos de referência).

Com base no exposto, é possível, então, depreender dois sistemas temporais linguísticos: o enunciativo, que se atrela ao momento de referência presente, e o enuncivo, que se ancora nos momentos de referência passado e futuro.

Costella e Fornari (2012) observam, baseadas em Fiorin e Benveniste, que “a temporalidade linguística é o marcador das relações de sucessividade entre os acontecimentos representados no discurso”.

Contribuição substancial para o entendimento do nosso objeto de investigação nos é oferecida pela Semiótica Francesa de Greimas e Courtès (1979), ao teorizarem

sobre os mecanismos instauradores das categorias pessoa, espaço e tempo no texto: a debreagem e a embreagem.

Por debreagem entende-se a projeção da enunciação no enunciado, que, no nosso trabalho, limitar-se-á à temporal (agora/então).

A intencionalidade que permeia o discurso definirá se a debreagem será de natureza enunciativa ou enunciativa, a que corresponderá, respectivamente, o efeito de sentido de proximidade, subjetividade e parcialidade, por meio da projeção do “eu, aqui, agora” no enunciado, ou, ao contrário, o efeito de objetividade, distanciamento e imparcialidade, por meio da projeção do “ele, lá, então”.

Nos dizeres de Fiorin (2008), a embreagem é entendida como o retorno à enunciação.

### **Proposta de análise: a complexa construção de sentidos relativamente à categoria tempo em Yayá Maseмба.**

#### **Yayá Maseмба**

01. Que noite mais funda, calunga
02. No porão de um navio negreiro
03. Que viagem mais longa, candonga
04. Ouvindo o batuque das ondas
05. Compasso de um coração de pássaro
06. No fundo do cativo
07. É o semba do mundo, calunga
08. Batendo samba em meu peito
09. Kawô Kabiecilê Kawô
10. Okê arô okê
11. Quem me pariu foi o ventre de um navio
12. Quem me ouviu foi o vento no vazio
13. Do ventre escuro de um porão
14. Vou baixar no seu terreiro
15. Epa raio, machado, trovão
16. Epa justiça de guerreiro
17. Ê semba ê

18. Samba á
19. O batuque das ondas
20. Nas noites mais longas
21. Me ensinou a cantar
22. Ê semba ê
23. Samba á
24. Dor é o lugar mais fundo
25. É o umbigo do mundo
26. É o fundo do mar
27. No balanço das ondas
28. Okê arô
29. Me ensinou a bater seu tambor
30. Ê semba ê
31. Samba á
32. No escuro porão eu vi o clarão
33. Do giro do mundo
  
34. Ê semba ê ê samba á
35. é o céu que cobriu nas noites de frio
36. minha solidão
37. Ê semba ê, ê samba á,
38. é oceano sem, fim sem amor, sem irmão
39. ê kawô quero ser seu tambor
  
40. Ê semba ê, ê samba á
41. eu faço a lua brilhar o esplendor e clarão
42. luar de Luanda em meu coração
  
43. umbigo da cor,
44. abrigo da dor,
45. primeira umbigada, massemba yayá,
46. Yayá massemba é o samba que dá

47. Vou aprender a ler  
48. Pra ensinar meus camaradas!
49. Vou aprender a ler  
50. Pra ensinar meus camaradas!

O sistema temporal linguístico na letra da canção analisada começa a ser construído no aparelho formal da enunciação por um “eu” colocado no interior do discurso, num lugar “aqui” (porão de um navio negreiro), num “agora”, textualizado como um tempo de sofrimento contínuo, que sinaliza uma instância de suspensão e/ou supressão de outros tempos contíguos não-marcados lexematicamente. Essas três categorias, pessoa, tempo e espaço, portanto, organizadas discursivamente a partir da primeira, corporificam-se no texto pela estratégia da debreagem enunciativa, realizadora do efeito de sentido de subjetividade, proximidade e parcialidade, como é próprio dos discursos em primeira pessoa.

Ainda na instância da enunciação, emergem no discurso as demais pessoas enunciativas participantes do ato comunicacional: o “tu” (calunga (mar) e candonga (tambor)), interlocutores de um “eu” que dialoga com sua própria solidão, materializada nas não-pessoas de seus desventurosos murmúrio e lamento. Rege, todavia, a natureza de tais interlocutores, uma oposição tensiva, marcada euforicamente pelo lexema vocativo “candonga”, que ressignifica um passado de tradição, orgulho e liberdade, e, disforicamente, pelo lexema vocativo “calunga”, que os desmaterializa num agora “não-tempo”, desvinculação identitária, vergonha e subjugação, em um “não-lugar”: qualquer quadrante de um mar que não se vê de dentro de um porão escuro.

Ainda no âmbito do aspecto pessoa, surgem outros misteriosos interlocutores embreados como “tu”, mas textualizados em terceira pessoa: o batuque das ondas (verso 19), de caráter disfórico, que, por meio da experiência de travessia transoceânica, o “eu” converte em valor eufórico, bem como a implícita figura de Oxóssi, metonimizado na interjeição yorubá “Okê arô” (verso 28), que ensina o eu-discursivo “a bater seu tambor” (verso 29).

É mister ressaltar que essas duas interlocuções desvendam um sistema semiótico sincrético paralelo ao verbal, estabelecido por meio de transcódificações e semantizações particularmente subjetivas, que, num movimento discursivo de prolepse, desenham o

embrião de um novo “eu”, um outro homem, que começa a desenvolver competências para vir, mais tarde, a entrar em conjunção com seu objeto de valor: a liberdade.

Na esteira ainda das embreagens actanciais, mas voltando ao sistema semiótico linguístico, ocorre o lexema “vento” (verso 12), terceira pessoa relatada como segunda, que projeta novamente um efeito de sentido de um interlocutor não-pessoa, corresponsável por uma das isotopias centrais do texto (solidão/abandono), fundamental na construção do enunciado de estado inicial do eu-discursivo disjunto do objeto de valor liberdade.

É em torno desse complexo eixo actancial que se organiza o sistema temporal linguístico em Yayá Massemba, cuja discursivização se inicia com os três primeiros versos, textualizados em frases nominais, formulados a partir da fundação de um plano isotópico lexemático (noite, viagem), instaurador da categoria tempo, reforçado por paradigmas caracterizadores (adjetivos) e circunstancializadores de intensidade (advérbios e pronomes adjetivos). Paralelamente à isotopia léxica, ocorre uma isotopia estilística, desdobrada em natureza sintática (frases nominais, que caracterizam a imobilidade do tempo) e em natureza fonética, por meio das assonâncias nasais (funda, calunga, um, viagem, longa, candonga).

O conjunto isotópico funciona no enunciado como um laborioso feixe de recurso de reiterações temáticas e figurativas que se entrelaçam no escopo da construção de um discurso, cujo tempo, não apenas pretende realizar-se como categoria, mas, sobretudo, como elemento que alinhava uma série de experiências humanas e que acaba se constituindo, por fim, como traço identitário do homem afro-diaspórico, por caracterizar-se ou ser percebido e revelado como um ente actancial, metaforizado, metonimizado e personificado na alma de um eu-discursivo aprisionado não simplesmente nele, mas, sobretudo, por ele (o tempo).

Esse aprisionamento, que, numa leitura menos atenta, poderia parecer estar atrelado à categoria espaço, na verdade é estabelecido e projetado no discurso, quer enunciativa, quer enuncivamente, pelo tempo, que se tematiza pelos elementos isotópicos construtores do sentido de estagnação (o tempo imóvel), cujo poder actancial imobiliza também o eu-discursivo, negando-lhe a possibilidade da ação. É, portanto, na relação tensiva discursivizada por meio da projeção de um sujeito-locutor paciente (prisioneiro) com um actante “tempo imóvel”, que o referido sentido de estagnação se corporifica como

agente, uma vez que subtrai do eu-narrador a cognição do tempo como fenômeno marcado e experienciado através da sucessão de eventos. Assim, se à liberdade corresponde o tempo em movimento, em contínua projeção, ao estado de cativo corresponde a negação da actancialidade subjetiva e a correspondente concepção de um não-espaco e de um não-tempo, uma vez que tais conceitos se organizam em função da relação dinâmica que permite ao homem-sujeito “ocupá-lo” e “orientá-lo” em prospecção, respectivamente.

Na esteira dessa reflexão, cumpre observar que a ideia da estagnação temporal, cujo sentido é negociado por via do paradoxo “o tempo age por perder sua prospectividade”, se textualiza mediante a co-ocorrência de uma isotopia morfológica nominal e verbal em que os nomes substantivos são deverbais (balanço, viagem, giro, batuque, samba) e os verbos ocorrem em formas nominais (ouvindo, batendo, cantar), criando uma sensação de inversão da natureza dos fatos e dos processos, em perspectiva disfórica.

A ideia da imobilidade temporal anuladora da possibilidade actancial do eu-narrador reforça-se ainda na isotopia gramático-lexical a que se alia o verbo “ser”, quer por sua neutralidade semântica, quer pelo seu uso omnitemporal e atemporal nos versos “dor é o lugar mais fundo” (verso 24), “é o umbigo do mundo” (verso 25), “é o fundo do mar” (verso 26), e “é oceano sem fim, sem amor, sem irmão” (verso 37). Em oposição, a mesma forma verbal assume caráter eufórico no verso 38, “é Kawô quero ser seu tambor”, modalizada de forma tal a sugerir que, à revelia de toda uma situação de imobilidade e anulação subjetiva, instaurada está na alma do cativo a suplantação das circunstâncias disfóricas e um intenso movimento psíquico que lhe oportuniza adquirir competências que o levarão ao estado conjunto de seu objeto de valor: a liberdade.

A narratividade do texto repousa na ideia da transição do enunciado de estado disjuncto, “estar cativo”, para o enunciado de estado conjunto, “tornar-se livre”, por meio de uma performance, capaz apenas de operar a transformação através da vitória sobre as imobilidades temporal e actancial.

É no interior da isotopia do cativo que se embriona a isotopia oposta, polifinicamente, a da liberdade, e que revela a sucessão de segmentos temporais no interior do “eu-discursivo”, aprisionado no e pelo tempo imóvel: contemporaneidade: “eu faço a lua brilhar” (verso 41), retrospectividade: “me ensinou a cantar” (verso 21), “me



ensinou a bater seu tambor” (verso 29), e prospectividade: “vou baixar no seu terreiro” (verso 14) “vou aprender a ler” (verso 47), essa última, modalizada de forma epistêmica e deôntica, respectivamente.

## **Conclusão**

O jogo complexo do sistema temporal narrativo em Yayá Mاسemba é operado por uma estratégia discursiva, textualizada pela justaposição de duas instâncias: uma factual e objetiva, e outra, potencial e subjetiva, que se conjugam na relação tensiva e assimétrica dos actantes enunciativos e enuncivos.

Dessarte, o indivíduo afro-diaspórico acumula em seu espírito a experiência do cativo como um marco temporal constitutivo de sua essência, como um ser no mundo e no Novo Mundo, cujos movimentos de manutenção identitária se esforçam no sentido de resgatar suas tradições ancestrais, comprometendo em ressignificá-las, no presente, engajando-se na luta de seu reconhecimento, na perspectiva construidora do futuro.

O “fundo do cativo” nada mais faz que afirmar e confirmar o coração, que é de pássaro. Assim o semba se faz samba; e, na “primeira umbigada”, Mاسemba, na dor, que “é o umbigo do mundo”, nasce o novo homem: liberto e tornado mais forte com aquisição de uma nova ferramenta capaz de sabotar a estratégia de tornar o que é diferente em desigual: a leitura, metáfora contextual do conhecimento.



## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães (et al.). 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

COSTELLA, Roberta e FORNARI, Tânia Aider Scarton. **A Discursividade em Saudosa Maloca sob o ponto de vista das categorias de pessoa, de espaço e de tempo**. XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Cruz Alta/RS. 2013.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

GARCIA JUNIOR, Alfeu. **Do issokun ao Eri-okan**: um contributo ao estudo do vocabulário das religiões brasileiras de origem africana", dissertação de mestrado, UNESP, campus de Assis, 1997.

\_\_\_\_\_. **Introdução a Linguística II**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTINS, Ana Cristina Sousa. **Deixis, tempo e textualização num excerto de Baía dos Tigres de Pedro Rosa Mendes**. Acesso em: 30 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.prof2000.pt/users/anamartins/fifonseca.html>>.

TIA MARIA DO JONGO. **Tia Maria do Jongo**: entrevista [2013]. Entrevistadores: Alfeu Garcia Júnior e Alexandre Magno Devecchi Leal. Entrevista concedida no Espaço Cultural Jongo da Serrinha, no Morro da Serrinha, Madureira, Rio de Janeiro, RJ, 2013.